

A RENASCENÇA

ORGÃO DOS TRABALHOS DA GERAÇÃO MODERNA

DIRECTOR—JOAQUIM D'ARAÚJO



AO LEITOR



REVOLUÇÃO do Romantismo, inconscientemente anunciada por Filinto Elisio, um escritor classico *pur sang*, e mais tarde inaugurada por Herculano e Garrett, poz em debandada a falange dos classicos que lhe queriam fazer rosto. Esse periodo verdadeiramente glorioso, em que os expatriados politicos voltando á patria com a abolição do absolutismo, introduziram na literatura, na politica e na arte as ideias que lá fóra triunfavam nos grandes centros literarios e politicos, constitue de certo uma das mais bellas paginas da nossa historia literaria.

Tinhamos antes desse successo as chronicas pulverulentas de fr. Bernardo de Brito e outros fructos de sabor igual para o estudo dos primeiros annos da existencia social do paiz; os commentadores rhetoricos de Camões para a comprehensão da epopeia dos *Lusiadas* e em geral para o estudo da poesia portugueza; no campo do romance historico havia dispersos, donde em onde, nos velhos nobiliarios, varios episodios terriveis, cheios de vinganças pavorosas e de fantasmas impossiveis. E assim em todos os outros ramos da literatura. Um ou outro trabalho havia, é certo, mais ou menos aproveitavel; mas esses trabalhos pertenciam ao campo dos subsidios, estavam na sua maioria encerrados nas *Memorias da Academia* e nas *Disserções chronologicas* de João Pedro Ribeiro e não podiam ser utilizados pelos homens que applaudiam José Agostinho de Macedo e appellidavam de *iconoclastas* os que se atreviam a apresentar alguma ideia nova.

A geração dos romanticos encontrou a desor-

dem e o cahos; encontrou uma sociedade que vacilava entre os modelos revolucionarios e os velhos idolos classicos; e neste meio quasi dissolvente, quando o paiz acabava de ser arrancado a uma guerra civil, que lhe esgotara as forças, luctando com os preconceitos tradicionaes, creou a Historia, creou o Romance, preparou o campo á poesia moderna, colligiu as tradicções e os contos do povo e no theatro apresentou-nos a obra d'arte mais completa que entre nós tem apparecido no decorrer do seculo XIX, — o Fr. Luiz de Sousa.

Os romances de Walter Scott admiravelmente traduzidos por J. M. Ramalho e Sousa, auxiliaram mais que muito esse fecundissimo movimento nacional. A nova escola, triunfante, caminhava na sua larga rota a despeito de um ou outro epitheto com que os renovadores eram apodados pelos partidarios do classicismo.

O *Auto de Gil Vicente* de Garrett e a traducção da balada do *Caçador feroz* por Herculano cauzaram um fervoroso enthusiasmo na mocidade que então começava de surgir. Apezar disso o *Auto de Gil Vicente* que só um artista subtil e de primeira ordem, como Garrett, poderia conceber exactamente no momento rigoroso, historico, deixem-nos assim dizer, em que esse drama era ao mesmo tempo que o porta-voz da revolta, o preto que a geração nova pagava á memoria do fundador do theatro nacional, desse grande homem que foi o primeiro a comprehender o alto papel da Reforma e que atirava em plena monarchia feudataria da Santa Sé o cognome de *Carão do Crucificado*, ao arbitro supremo das nações; o *Auto de Gil Vicente*, o *Caçador feroz*, a *Dama pé de cabra* e mais tarde o *Romanceiro* de Garrett produziram uma influencia nefasta no theatro e na poesia, porque não foram comprehendidos. O romance popular foi substituido pelos solaus, puramente literarios, sem o alto sentimento do povo; o theatro deu-nos os *Dois Renegados*; o romance deixou de representar uma épo-

ca, como no *Arco de Sant'Anna* e no *Bobo*, para ser uma fantasia continuada; o *Han d'Islandia* de Victor Hugo e o *Ivanhoe* de Walter Scott deixaram de ser modelos e foram postos de parte como frivolidades. Em compensação as legendas maravilhosas, forjadas *ad hoc*, tipos do nosso tempo revestidos de capacete e de viseira, appareceram — as crusadas foram exploradas no romance, na poesia e no theatro, e raro era o *conteur* que não fazia morrer de saudades a donzella que a cada instante esperava o amante, novo Bouillon que fôra libertar o tumulto do Christo e que voltava dos gloriosos feitos exactamente ás horas, em que a malograda amante se finava de consumpção.

O gosto publico depravara-se com o dramalhão, o romance sentimental e a poesia melancolica.

Garrett morrera; e como o sol, que ao cahir ao longe no mar despede de si ainda um ultimo clarão, as *Folhas Cahidas*, prenuncio porventura do apparecimento de João de Deus, um dos maiores poetas da Europa deste seculo, sahiram a lume, enchendo de espanto aquelles que, como Castilho á sombra da sua olaia, se entretinham fazendo lóas ás quatro estações do anno.

A morte de Garrett e o afastamento injustificavel de Herculano, deram a Castilho a supremacia das letras; isto é a literatura portugueza recuára até antes de 1830, com uma pequena variante — os versos de letra minuscula.

Convertera-se em artificio o sentimento poetico; sem duvida aludindo a essa corrente de banalidade escrevia o solitario de Valle de Lobos no prologo da *Paqueta*: «A verdade poetica está na observação dos phenomenos da existencia, quer na ordem material, quer na espiritual; e sem verdade não ha poesia.» Comprehende-se depois desta afirmação a preferencia dada por Herculano a Soares de Passos sobre os seus contemporaneos, denominando-o o successor de Garrett.

A geração dos *litteratos*, queria continuar a obra dos creadores, sem a ter estudado, sem a ter comprehendido, ignorante como era do largo movimento que fecundára a renovação. Quando muito lêra Staël, mas desconhecia tudo o mais. Crêmos que os unicos que conheceram Goethe, Klopstock e Schiller foram Almeida Garrett e Alexandre Herculano.

Literato dos bicos dos pés até á ponta dos cabellos, como disse admiravelmente o sr. Oliveira Martins, Castilho, trabalhador infatigavel como poucos, ainda assim, só pôde deixar de si a fama de ter manejado como raros dos seus contemporaneos a lingua portugueza e de ser um primoroso metrificador. Trabalhou, fez quanto pôde, mas tinha contra si um grande mal: é que estava fóra do seu tempo. Era o ultimo arcade, como alguém já ponderou.

A literatura portugueza, áparte o poema do *Dom Jayme*, chegára a um estado de marasmo, que era preciso romper. Coube esse papel a Theophilo Braga e Anthero de Quental — devemos-lhes esse grandissimo serviço. Foram elles que sós e desajudados, iniciaram essa lucta, que não era, como erradamente se julga, entre coimbrãos e lisboetas, mas sim entre o privilegio e o espirito novo, entre a Musa que tinha por ideal a Humanidade e a que batia palmas nas libações dos ouateiros. Mas apoz o combate, apoz a destruição, era necessario edificar, construir. Foi isso que fez a Escola mal denominada de Coimbra, que ainda na infancia apresentava as *Odes Modernas* e a *Visão dos Tempos*.

O espirito philosophico moderno entrou em Portugal; a Poesia, o Romance, a Critica Historica, a Anthropologia, a Linguistica, a Critica litteraria, em summa todos os ramos em que se manifesta a vida litteraria e scientifica dum povo, teem representantes mui notaveis entre nós.

Todo este movimento de renovação é devido á Carta *Bom senso e bom gosto* e *Theocracias litterarias*; panfletos onde Castilho é porventura julgado com severidade, elle que só tinha a grave culpa de não comprehender a época a que quiz imprimir direcção.

A *Renascença*, que hoje começa a vêr a luz, aspira a ser o órgão dessa renovação, como o *Panorama* o foi da revolução litteraria que produziu um dos grandes artistas e um dos grandes pensadores que neste seculo surgiram entre nós. O *Panorama* tinha por fim o copioso derramamento de conhecimentos uteis; a *Renascença* vai mais longe — quer representar a época que vamos atravessando com todas as suas tendencias e com todas as suas aspirações.

1 de janeiro de 1878.

Joaquim d'Araujo.

ENGEITADINHA

— De que choras tu, anjinho?
 — Tenho fome e tenho frio.
 — E só por este caminho,
 Como a ave que cahiu
 Ainda implume do ninho!
 A tua mãe já não vive?
 — Nunca a vi em minha vida,
 Andei sempre assim perdida
 E mãe por certo não tive.
 — És mais feliz do que eu,
 Que tive mãe e morreu.

João de Deus.

OS INUNDADOS DE VALLADA (1)

(CARTA AO SR. CONDE DE CASAL RIBEIRO)

Ill.^{mo} e ex.^{mo} amigo e sr.

Val-de-Lobos, 17 de dezembro de 1876.



NÃO sei quaes as relações em que v. ex.^a está com o actual governo, tão alheio ando das cousas politicas. Apesar disso, vou sollicitar todo o poder da sua influencia a favor de uma pretensão em que será constringido a recorrer directa ou indirectamente aos ministros. E todavia estou certo de que a cruz que lhe ponho ás costas a aceitará, em qualquer hypothese, com alacridade. Eu, se exercesse a preponderancia que v. ex.^a exerce, se o meu nome significasse o que significa o seu, fazia-o com a melhor vontade. Pedia a todos os governos possiveis. Se ainda reinassem os Cabraes, até a elles pedia. Pedia ao Antonio. Mais: pedia ao José. Mais ainda: pedia ao João, que sempre desconfiei que fosse o peor dos tres. Ora, por mais mal que alguem pense dos ministros actuaes, ninguem de certo os compara com aquelles amigos. Deve saber os lastimosos successos de Vallada, ha dous dias lugar florescente, quasi opulento, hoje acérvo de ruinas e miserias, fonte caudal de lagrymas. Sômos ambos lavradores: eu pequeno, v. ex.^a grande. Ambos conhecemos os espinhos de que é coroada a existencia do agricultor; quanta actividade, quanta abstenção, quanta economia, que diuturnidade de tempo são necessarios para com o trabalho rural colligir uma fortuna modesta, sempre inferior á intensidade dos esforços feitos para a alcançar. Erañ em geral destas as dos proprietarios ruraes e lavradores de Vallada. Póde dizer-se que em poucas horas um enorme cumulo de trabalho de muitos annos desapareceu ali debaixo das aguas do Tejo convertido em immenso lago.

Recebi uma carta daquella gente afflictica que me apertou o coração. Nem eu os conheço, nem elles me conhecem, salvo de nome. Contavam comigo para lhes redigir uma representação ao governo. Pretendem a reparação do dique que lhes preserva as fertes planicies dos insultos do Tejo, e que não pôde resistir desta vez a uma alluvião extraordinaria; mas pretendem reparação prompta, que os habilite para não deixarem em posio os seus campos agora inundados. Escuso de ponderar a v. ex.^a o

que seria para os desgraçados, no meio de tantas e tão irreparaveis perdas, um anno de inercia forçada. Se me contentasse em escrever-lhes o papel que elles queriam, enganava-os. As frases, hoje, produzem difficilmente factos. A indifferença pela dôr alheia, sobre tudo quando impotente e obscura, é o grande vicio do seculo. O calor parece ir-se retirando deste musculo chamado o coração humano á medida que o christianismo se vae alongando das consciencias. A caridade torna-se num producto, que, semelhante a muitos productos da nossa industria, se fabrica expressa e exclusivamente para as exposições ruidosas. Varremos ás vezes as grandes miserias, por que tambem varremos as ruas. O asco incumbe-se não raro do papel da compaixão no theatro do mundo. A resignação viril, mas profundamente triste, desses homens, pobres hoje, abastados hontem, que, novos Sisyphos, pedem apenas que os deixem começar desde já a rolar costa acima o seu rochedo; que não invocam o direito ao trabalho, mas que pedem como mercê que lho consintam, fazendo-se logo o que depois, quando as ruinas forem maiores, tem por força de fazer-se, commoveu-me a mim, e commoverá por certo a v. ex.^a; não receio, porém que disso resulte uma epidemia de commoções. Noutro tempo, teria eu dito simplesmente aos nossos infelizes collegas — «Requeiram.» — Depois, se não os ouvissem, falaria eu. Tinha então a voz um pouco forte e que soava ao longe. Suspeito, até, que curei com ella uma ou outra surdez. Dez annos de solidão e silencio atrofiaram-me os orgãos vocaes. Hoje, evidentemente, cacarejo apenas. V. ex.^a na força da vida e do talento, temido e respeitado (na nossa terra são difficeis de distinguir o temor e o respeito), tome-me por quem é conta daquelles desvalidos, e se nisso não houver espinho politico, espero que v. ex.^a queira entender-se com o meu antigo amigo João de Andrade Corvo, a quem tambem escrevo sobre o assumpto. Vejam ambos se fazem atravessar um raio de luz atravez do negrume que fluctua entre o chão encharcado e o ceu humido da misera Vallada.

De v. ex.^aAmigo e obr.^o creado,*A. Herculano.*

(1) Escrito postumo.

A PHYSICA E A METAPHYSICA



O HOMEM, como o resto dos animaes, precisa de exercer a sua actividade para prover á sua alimentação. Mas os irracionais não vão além do instinto e da associação de ideias; o homem eleva-se á reflexão, delibera, e determina-se a praticar actos cujo resultado prevê. (1) O mundo apparece-lhe como uma serie regular de successos, um encadeamento de causas e de efeitos. A convicção da constancia das leis da natureza, não surgiu comtudo a principio completa no espirito humano. O homem julgou, nos seculos de ignorancia, grande parte da natureza á mercê de divindades caprichosas; mesmo depois de adquirir cultura intellectual, admitiu como possivel o milagre; e ainda hoje muitos sabios pensam que a espontaneidade dos seres vivos ha de sempre escapar a todo o calculo. A ultima crença tem profundas raizes no entendimento humano, apesar de não ser na apparencia menos contraria do que as primeiras á ideia scientifica do mundo, estabelecendo um antagonismo entre os seres inanimados e os seres vivos, aquelles sujeitos a leis fixas, estes possuindo um principio hyperphysico de acção com a qual podem perturbar essas leis dentro de certos limites. As duas primeiras são aberrações supersticiosas do espirito, a ultima só se pôde conciliar com a sciencia por meio de uma philosophia muito subtil. (2) Devemos pô-las de parte todas tres igualmente por emquanto, para considerar como primeira condição da sciencia a convicção que todo o Universo está sujeito a leis fixas e determinadas. Assim como fim da sciencia a previsão. Como condição externa a invariabilidade das leis da natureza. Como instrumentos psychologicos as noções de causa e de substancia. Para que haja previsão é mister que o presente determine, cause o futuro. (3) E o homem não investigaria as leis do mundo exterior se não acreditasse na existencia desse mundo, se não julgasse que fóra de si ha uma realidade que actua sobre elle e o modifica. O physico não estuda

essas ideias, mas faz uso constantemente dellas; aquelle que as nega não reflecte nas proprias acções. Poderá ser um analysta sagaz, um observador penetrante do exterior, mas é um psychologista nullo. Porém aqui já se pronunciam as duas tendencias entre as quaes hade vacillar sempre a sciencia. Os espiritos syntheticos impressionam-se mais com a ideia de lei do que com a variedade fenomenal: a constancia da lei é para elles o principal, a realidade, os successos—a parte secundaria da natureza, a apparencia. Concebem assim o mundo como um todo, um ente que passa por modificações mais ou menos illusorias; esse ente, segundo as diversas seitas, pôde ser um corpo grosseiro, a materia indeterminada, ou o proprio Deus. (1) Tal foi na antiguidade o character da eschola methaphysica de Elea. A essa fórma da sciencia chamarei concepção synthetica do Universo. Os espiritos analyticos preoccupam-se mais com a variedade sensivel, os factos experimentaes. A ideia da lei tem para elles muito menos valor. A eschola physica de Elea dizia em opposição á eschola adversa: «Tudo flue nada é.» Daremos a esse modo de considerar as cousas o nome de concepção analytica do Universo. (2) Esta eschola seguida rigorosamente levaria ao scepticismo, á anarchia intellectual, á destruição de toda a sciencia; por isso a maior parte dos seus sectarios param e adoptam um systema mixto decompondo a unidade da eschola synthetica em uma multidão de substancias dotadas de propriedades essenciaes e de qualidades secundarias. Nesse systema a sciencia propõe-se explicar os fenomenos reduzindo as qualidades secundarias de cada substancia ás suas propriedades essenciaes. É esse reconhecimento o character da physica moderna. Mas primeiro que tudo deve a sciencia alcançar o conhecimento do que existe; e proceder a uma descrição do mundo. Para o que reúne os diversos objectos que observa em grupos chamados especie definida, cada uma por um character peculiar.

(Continúa.)

Pedro Amorim Vianna.

(1) Consequentia cernit, rerum causas videt earumque progressus. Cicero. *De Officiis*, libr. 4.º, cap. iv.

(2) Auguste Comte nota muito bem que a ideia de milagre suppõe a ideia de lei e por isso certo grande cultura intellectual.

No entanto a ideia de milagre não é essencialmente religiosa. Aristoteles pensa que os prodigios mostram menos o poder divino do que a deficiencia da natureza terrestre. A philosophia a que alludo no texto é a doutrina de Leibnitz ácerca da união da alma com o corpo. Muitos physiologistas, — Küss é um delles—julgam refutarem o espiritalismo comparando as acções voluntarias ás reflexas. A leitura meditada do grande philosopho desfazerhes-hia facilmente a illusão.

(3) *Præsens gravidum futuri*. Leibnitz.

(1) Este profundo pensamento colhi-o eu na physica de Aristoteles.

(2) Platão, segundo depreendi da leitura do difficil dialogo do Parmenides, quiz conciliar as duas escholas creando a theoria das ideias e aperfeiçoamento da doutrina dos numeros de Pythagoras, Aristoteles, trazendo do ceu á terra as ideias platonicas, deu origem ás fórmas substanciaes e ás qualidades occultas contra as quaes tantos protestos se tem levantado. Farei aqui uma reflexão. Para mim a theoria das ideias é a mais sublime concepção do Universo, embora incompleta. Mas as ideias devem permanecer no seio de Deus. Precisam para viverem dos esplendores das regiões celestes. Trazidas á terra extenuam-se e definham. Parece-me terem cahido neste erro alguns realistas da idade media e, entre os escritores modernos, Krause considerando a humanidade como um todo subsistente. Muitos materialistas tem semelhantes tendencias. Nada ha mais perigoso e menos philosophico.



JOÃO DE DEUS

(De uma photographia do sr. Loureiro)

NÃO se poderá comprehender a transformação da poesia lirica moderna em Portugal sem começar por definir bem a parte que compete a João de Deus neste phenomeno que os criticos allemães, italianos, francezes e hespanhoes observam com tanto interesse na nossa litteratura (1). E se algum dia houve poeta, que na expressão do sentimento individual menos fosse dominado pelo intuito de impôr o seu *pathos*, ninguem ainda excedeu a João de Deus na espontaneidade inconsciente da linguagem, na absorção contemplativa, na conformação dos actos da vida com uma pura idealidade, emfim no desprendimento quasi censuravel dessa

parcella de gloria que lhe é devida, e sobretudo tão necessaria como estimulo. O lirismo de João de Deus, embora derivado de uma individualidade cujas qualidades moares reflecte, caracteriza-se por essa profundidade a um tempo simples e lapidar que torna sublimes em todos os tempos as canções do povo. O segredo, ou a força do seu genio artistico, consiste em saber repassar-se deste modo de sentir da multidão anonyma, e em exprimir-se com a novidade de uma elocução camoniana e com os mais caprichosos labores da estrofe e da rima, sem comtudo poder-se descobrir uma antinomia entre o sentimento e a forma que o traduz. João de Deus não contrafaz o gosto popular, e ninguem é mais povo do que elle nessa passividade com que se exprime; a intuição artistica levou-o á mesma comprehensão da critica philosophica que achou a lei das manifestações do bello na justa relação entre as concepções individuaes e o elemento tradicional. É por isso que o seu lirismo é inexcedivel, e isto explica-nos como tão cedo exer-

(1) Referimo-nos aos juizos dos srs. Stengel e dr. Goldbech, Gubernatis, Michel Breal, Paul Meyer, Monod, Gaston Paris e Fernandes de los Rios, sobre a moderna *Eschola revolucionaria*.

ceu sobre nós todos uma acção tão profunda. A sua intuição revelou-lhe essa forma primitiva do lirismo nacional, que ainda no século XVI transparecia em trechos fragmentarios em Gil Vicente, em Sá de Miranda e Camões. Os liricos brasileiros, como Alvares de Azevedo ou Castro Alves, tinham a seu favor os modelos do século XVIII e o impulso organico da recorrença, para tornarem a achar as formas da *serranilha*; João de Deus não tinha um passado que o dirigisse, e só por um vago instinto de artista soube amar Camões sem separar-se do povo. As poesias *Amores... amores*, o *Beijo na face*, *Eu, olhos sei de uns*, *Leonor*, *Os olhos são* e outras tantas, se nos fazem lembrar as redondilhas de Camões ou as ingenuas endechas de Sá de Miranda, demonstram bem o poder intuitivo que o levou a achar o veio aurifero do nosso fecundo lirismo nacional. A acção de João de Deus sobre a poesia portuguesa precedeu o movimento philosophico e critico dos dissidentes de Coimbra; e sem conhecer a renovação das doutrinas metaphisicas, nem as theorias sociaes, nem o phisicismo das sciencias naturaes, nem a indisciplina revolucionaria, sem ter em vista romper com o passado, nem proclamar novas affirmações, como é que elle fecundou duplamente a poesia portuguesa pela sua obra e pela sua influencia immediata? Isso que a todos arrebatava, porque está no modo de sentir de todos, isso que é bello porque não é individual, essa vibração que fascina e inspira, é essa orientação tradicional, que depois de Camões perderam os poetas portuguezes e que João de Deus por um tino genial soube tornar a achar. Entraram em Portugal as correntes do satanismo byroniano e do pessimismo de Baudelaire, do scepticismo exausto de Musset e dos grandes gritos de justiça de Victor Hugo; os ruidos passam, esquecem-se, e os versos de João de Deus ouvem-se por cima dos céros tempestuosos na sua limpidez de melodia matinal, imperiturbavel como uma voz da natureza. Nenhum dentre os modernos poetas portuguezes tem como elle uma individualidade poetica tão sua e ao mesmo tempo tão nacional.

Se a poesia portuguesa da geração actual não pôde ser comprehendida sem definir a acção de João de Deus, tambem o seu lirismo, que ha tantos annos traz enlevada esta sociedade sem paixões, só hade ser avaliado através dos traços biographicos da sua serena personalidade. As particularidades anecdoticas da vida, que são em um ponto de vista mais alto a relação do escritor com o meio em que pensa e actua, são aqui a função por onde remontamos á intelligencia da sua obra.

João de Deus nasceu em Messines, no Algarve, a 8 de março de 1830; se o Minho teve o seu poeta lirico em Sá de Miranda, a Extremadura em Camões, se a idealisação do amor se eleva avançando mais para o sul e o Alemtejo apresenta os liricos incomparaveis Bernardim Ribeiro e Christovam Falcão, o Algarve levou bastantes seculos para produzir uma organisação poetica que representasse em toda a sua altura o caracter ethnico dessa provincia. (1)

Basta olhar para o retrato de João de Deus: os cabellos pretos e macios, as linhas finas e nervosas da fisionomia, o olhar conjunctamente vehemente e extactico, a estatura mean e delgada accusam uma regressão morphologica do typo arabe. Na sua vida ha uma inacção de contemplativo; abstrae do mundo como um saphi da Persia e entrega-se á onda dos acontecimentos com a confiança do arabe na fatalidade. A sua poesia é assim inspirada no misticismo do amor, e na

linguagem tem a indecisão deslumbrante de uma vaga metaphisica neoplatonica; na crença acceitou um christianismo tal como aquelle de que se inspiraram os poetas da Ombria, Francisco de Assis, Pacifico, Jacopone, ou os grandes hymnographos da igreja.

João de Deus não saíu do Algarve antes dos dezoito annos; foi nesse isolamento do mundo, em contacto com a natureza, na doce protecção domestica, na frequencia dos seus primeiros estudos humanistas com o cura da freguezia, que elle contrahiu essa doçura de caracter, que é uma das formas proeminentes da sua individualidade. Filho de um honrado negociante de Messines, teve o destino que subordina os planos usuaes da familia portugueza; seu irmão Antonio do Espirito Santo *foi para padre*, e João de Deus partiu para Coimbra *para doutor*. Março de 1849 é uma data decisiva; foi quando entrou em Coimbra, matriculando-se pouco depois na faculdade de direito. Coimbra ainda se ressentia das agitações politicas de 1846, e entre os estudantes preponderava a moda anachronica da valentia; as praxes da troça academica estavam no maior rigor, os lentes por uma bestialidade quasi geral forneciam as anecdotas para pabulo dos cavacos, e o *calão* da eschola, como *dar-se á cabula*, ou *andar á lebre* não era um capricho de linguagem mas uma realidade. Por um resto de habitos do romantismo recitavam-se os versos martellados de João de Lemos e os solaus assucarados de Freire de Serpa. Neste meio dissolvente é que se perdeu o talento de Soares de Passos, cahindo nessa apathia que o esterilizou; foi nessa soltura que recebeu nas Olarias o assalto de que mais tarde veio a resultar-lhe a morte. As poesias de Soares de Passos raramente appareciam no *Novo Trovador*; os mais avançados imitavam Lamartine, e o sentimento ideal era a melancolia.

João de Deus em conflicto com a agitação de uma sociedade sem disciplina moral nem intellectual, retraiu-se, occultou alguns dos seus dons, e isto influiu para que a sua educação poetica se fizesse sem deixar vestigios de aprendizagem. Uma coisa o ligava de coração a essa mocidade turbulenta, entusiasta, vagabunda; era a sua fibra arabe. A sua geração academica presentiu o que elle era, e João de Deus tornou-se o typo lendario, dizia-se o seu nome como uma divisa — *o João!* E quem lhe podia resistir? Não era só com a doçura de caracter que *o João* dominava; tinha outros habitos, sobretudo essa magia da linguagem com que descrevia, contava, narrava, dramatizando, dando relevo ás cousas, le-

Province, et les Provinces d'Algarves et de Beyra Alta, auront peutêtre aussi un jour leur Camoens.» O poeta Joaquim de Araujo aproveitou estas frases como fecho do seu admiravel soneto, que é o retrato de

JOÃO DE DEUS

Tem um sorriso limpo e tranquillo,
Cheio de amor, de transparencia e luz,
Que em fina tela Rubens ou Murillo
Pintariam na face de Jesus.

Não se cansa ninguem jámais de ouvi-lo,
De si derrama pérolas a flux,
O seu olhar é um luminoso asilo,
Que veste os rotos e agasalha os nus.

Oh scismador de *Heresta* e de *Marina!*
Ha nessa tua palidez divina
Um que sombrio de tristeza e dó;

E eu ao vêr o teu vulto austero e doce
Digo commigo: — «Enfim, realisou-se
A hespanholada immensa do Junot.»

(1) Na Proclamação de Junot aos *Habitantes do reino de Portugal*, datada do 1.º de fevereiro de 1808, onde descreve as vantagens que este paiz hade tirar sendo governado por um general napoleonico, diz: «l'instruction publique, cette mère de la Civilisation des peuples, se répandra dans chaque

vando para onde queria a imaginação dos que o ouviam. O *cavaco*, que é por onde Coimbra fica sempre nas nossas recordações, tratou-o como a mais carinhosa expressão de arte; João de Deus sem preocupações achou-se o primeiro conversador portuguez. E na viola? a viola de arame, que tocava á maravilha, que dominava quasi tanto como José Doria! Se elle fazia retinir na Feira em vespera de feriado a banza gemente, accudiam os grupos, cercavam-no e eil-os todos levados para o Penedo da Saudade, para a Fonte do Castanheiro, até altas horas; as melodias populares do *Choradinho*, do *Ladrão, ladrão*, do *Malhão, Agua leva o Regadinho*, e outras tantas com que cada provincia se representava nas suas reminiscencias, revelaram a João de Deus essa simplicidade por onde elle soube achar o veio tradicional do lirismo portuguez.

Se a palavra nos seus labios desenhava, se a viola coloria as canções do povo, João de Deus tinha outras aptidões artisticas que o tornavam amado; desenhava á penna como ninguém. Todos sabem a anecdota do album em que elle esboçara um crucifixo; por uma inercia de temperamento deixára o desenho em meio, quando a muitos pedidos entregou o album. Tornaram a entregar-lhe o livro para que acabasse o desenho, mas elle achou mais commodo cortar a pagina, deixando em seu lugar o distico: Ressuscitou, não está aqui. Como Ariosto, transformava a sua morada em galerias maravilhosas, não com devaneios, mas com esboços pelas paredes.

O talento poetico manifestou-se mais tarde; até á publicação dos primeiros versos na segunda *Revista Academica* fundada por Alexandre Meyrelles, pôde-se suppôr que a poesia era o segredo da sua alma ou que a cultivara casualmente. O profundo amor por Camões foi para João de Deus mais do que uma intuição de artista. A primeira poesia que o revelou intitula-se *A Oração*, e vem datada de 15 de junho de 1855; ha ali já aquelle accento tão peculiar por onde se conhecem todos os seus imitadores:

Olha por ella, Tu, dos céos que habitas
Do mundo oh creator!
Ampara o lirio delicado e fragil,
Ampara a tenra flor! (1)

A poesia appareceu-lhe simultanea com o amor; e como esse typo balzaquiano de Montriveau, que não soube collocar bem esse sentimento, João de Deus entregou todo o seu amor a quem tinha os dias contados pela consumpção. O seu amor nascê da piedade, e a poesia começa por uma supplica. *A Oração* traz esta rubrica *Á excellentissima senhora D. R. C. N.* A morte avançou implacavel; foi então que se repetiu com lagrymas em Coimbra a elegia *A D. Candida Nazareth, por occasião da morte de sua irman Rachel, e poucos dias depois de sua mãe:*

..... mãe e irman, cinzas cubertas
Dum só jacto de terra... oh desventura!
Oh destino cruel!
Vejo-as ainda ir com as mãos incertas,
Guiando-se uma á outra á sepultura,
E a mãe: Rachel! Rachel. (2)

Na edição definitiva dos seus versos João de Deus emittiu esta esplendida strophe, por causa do toque de realidade, que é a sua belleza:

(1) *Revista academica*, pag. 211. Esta poesia não se acha colleccionada; não a reproduzimos porque apparecerá em um novo livro de João de Deus, compilado por um amigo.

(2) *Flores do Campo*, pag. 11. 2.^a ed.

Desde então, na janella do Occidente,
Te vejo como a bussula sem norte,
Fita, pensando... em quê?
Oh, não vóes tambem, pomba innocente,
É grande a eternidade, é certa a morte,
Espera, vive e crê!

Sob impressões desta ordem é que se podem escrever poesias como a Canção ix de Camões (*junto de um seco, duro, esteril monte*) como o *Crisfal* de Christovam Falcão, ou como *A Vida* de João de Deus. A indole contemplativa tornou-se então uma apathia invencivel; sempre deitado, e cercado de amigos por causa da sua pasmosa conversação, esqueceu-se dos versos, fazendo chorar a viola, ou esboçando typos e paisagens fantasticas pelas paredes. Entre uma geração entusiasta João de Deus não se pertencia; perdia os annos da formatura por faltas, gastando nella como costumava dizer com graça «tantos annos como na guerra de Troya.» Bacharel formado em 1859, João de Deus tinha de lançar-se na prosa da vida burgueza; mas Coimbra era já para elle uma patria pela tradição escholar, pelo culto em que o envolviam, pelas difficuldades que atravessára, por tudo, e elle não se atrevia a abandonar Coimbra para sempre. Desde 1855 não publicára mais versos; a circumstancia de se deixar ficar em Coimbra mais dois annos influiu para que reaparecesse o grande lirico que iniciou a transformação da moderna poesia portugueza. João de Deus só veio a saír de Coimbra em 1862.

No meio da turbulencia das gerações academicas, crueis e ao mesmo tempo compassivas como todas as crianças, apparecem grandes relampagos de generosidade. Tal foi a creação da *Philantropica academica*, e mais geralmente a fundação de pequenas revistas literarias para auxiliar a formatura de estudantes sem recursos. Foi para um tal fim que em 1861 começou a publicar-se em Coimbra a *Estreia literaria*, rasa na medioeridade mas sublime no intuito; um estudante de Evora, chamado Manuel Vianna, companheiro de quarto de João de Deus impoz-lhe a todo o transe o contribuir com uma poesia para a *Estreia literaria*. João de Deus achava-se em Coimbra sem destino, nem iniciativa, e bem longe de se occupar de poesia. Manuel Vianna exigiu uma poesia, e prometeu não dirigir-lhe mais a palavra emquanto a não conseguisse. Para abrandar o companheiro, João de Deus traduziu admiravelmente a pequena ode de Victor Hugo:

Pois se o homem, se anjo e nune,
Planta e flor,
Dá seu canto, luz, perfume,
Crença e amor, etc. (1)

Foi este incidente que porventura lançou João de Deus na corrente da publicidade. De repente sôa em Coimbra a injustiça contra um *novato* de theologia, que levára um R, por ter ido fazer acto sem rapar o buço; quem o reprovava era o celebre ex-cruzio D. Victorino, o que dizia da luz do gaz: «Lume sem torcida, e por debaixo do chão, não é cá para nós os homens da sciencia!» O *novato* era companheiro de João de Deus; o poeta insurgiu-se «e como o presidente se alcunhava *Marmelada*, Guimarães Fonseca escreveu, e o author ditou estas duas epistolas.» (2) É um poemeto heroi-comico de uma graça inimitavel, que se conservou oralmente entre todas as gerações academicas, até que foi publicado em folheto. Não ha verso que diga mais do que este,

(1) *Flores do Campo*, pag. 59.

(2) *Folhas Soltas*, pag. 72. — A feição epigrammatica e satirica deste tempo reaparece hoje em João de Deus, como o signal do conflicto do seu genio com uma sociedade burgueza e estúpida.

em que lhe chama: «Bicho intruso em especie humana.» O modo como foi colligido o *Pires de Marmelada*, dá-nos o processo porque hoje existem os versos de João de Deus; elle ditava, e escrevia quem queria. Guimarães Fonseca, João Vilhena, Rodrigo Velloso e outros tantos apressavam-se a salvar aquellas pérolas que lhe caíam, como á menina do conto de fadas, quando fallava. Com o intuito de publicar esses versos e como reacção á reserva de João de Deus, foi fundado o *Tira-Teimas*, donde as suas poesias foram reproduzidas pelos jornaes de todo o paiz. Foi rapida a transformação do gosto que andava depravado pelas banalidades do *Guerrilheiro* e do *Lembras-te, Elysa*; a versificação tornou-se mais correcta, a comprehensão do rythmo mais intima, o sentimento mais delicado, a strophe mais primorosa, e a linguagem mais camoniana. Com uma concepção philosophica qualquer, isto é, com algumas leituras de Hegel ou de Spinoza, algumas ideias geraes mais novas, a poesia portugueza entrava em uma fase de reorganisação fundamental, como aconteceu depois.

Im-lhe faltando as gerações academicas que o seguiram, e João de Deus saíu de Coimbra em 1862 fixando a sua residencia em Beja, durante alguns mezes; ahí se occupou temporariamente redigindo o jornal politico da localidade, *O Bejense*. Acabava então de saír a lume o poema *Dom Jayme*, de Thomaz Ribeiro, imposto auctoritariamente por uma Carta-preambular de Castilho. Depois da morte de Garrett e do silencio systematico de Herculano, Castilho arrogou-se uma dictadura literaria, concedendo graças de talento ou annullando os privilegios da immortalidade; foi por este abuso de uma auctoridade ainda não discutida, que soltou a blasphemia, escrevendo que os *Luziadas* eram inferiores ao *Dom Jayme*, porque não serviam para se lér por elles nas escholas. João de Deus protestou nestas palavras reproduzidas na *Dignidade das letras e as literaturas officias*: «Condemnar os *Luziadas* porque não servem para Cartilha do Padre Ignacio, é o mesmo que condemnar a Cartilha do Padre Ignacio porque não serve para epopéa nacional.» Essa outra heresia de Castilho na alludida preambular do *Dom Jayme*, que entre a geração moderna não havia quem assignasse sem vergonha qualquer strophe dos *Luziadas* provocou uma severa critica da parte de João de Deus, no *Bejense*. Sem rompimento de eschola, ainda assim cabe a João de Deus a gloria do primeiro passo para a nossa emancipação intellectual, seguindo o seu caminho sem se curvar ante o parafasista que tanto esterilizou a nossa literatura. Esse escrito do *Bejense* é pouco conhecido, mas nelle começa esse fenomeno moral e intellectual da dissidencia da *Eschola revolucionaria*, em 1865, proclamada na Carta *Bom Senso e Bom Gosto* e nas *Theocraticas literarias*.

João de Deus achava-se deslocado no meio das pequenas conveniencias de um jornal politico de provincia; regressou a Messines, vivendo algum tempo em Portimão entregue á caça, á poesia, e nesse profundo isolamento ao amor. Desde 1862 até 1868, em que foi eleito deputado por Silves, é que foram escritas as principaes composições das *Flôres do Campo* e do *Ramo de Flôres*, comprehendido mais tarde nas *Folhas soltas*. Os idilios *Descalça*, *Maria*, e essa historia tão intimamente triste de *Marina*, encerram uma dorida realidade, que occupou esta fase da sua vida. Na *Folha do Sul*, de 1865 sob o titulo de *Marina* começou uma narrativa sobre a extincção dessa luz rapida que brilhou nos seus versos. Do contacto com a natureza são esses versos descriptivos do *Rêmoinho*, em que pinta com a palavra os effeitos da tempestade. Neste periodo de convivencia com seu irmão padre, e entregando-se á leitura da Biblia, comprehendeu como ninguém ainda a poesia humana da pastoral de Salem, e deu-nos a traducção mais bella que se possa fazer em qualquer lingua;

quão superior não é o seu *Cantico dos Canticos* aos mais arrebataados transportes de S. João da Cruz! João de Deus viu a travéz da verdade essa ingenuidade primitiva, e levou a linguagem portugueza pela graça e frescura das suas locuções populares a dar o perfeito equivalente do estado de sentir de uma sociedade patriarchal.

Em 1869 achou-se João de Deus eleito deputado; com uma eloquencia unica, a da espontaneidade surpreendente, com uma paixão pela justiça até ao sacrificio, viu-se em uma camara sem ideias, a celebre camara dos *Possidonios*. Outros poetas, com menos dotes violaram em seu favor a maxima de Garção, fazendo-se ministros, embaixadores, ou directores de secretaria; João de Deus não sabe intrigar, e não quiz accellar as condições que levam com segurança ás honras postizas; fugiu da politica dos partidos medios e contentou-se com ser um simples homem de bem. Fixou-se então em Lisboa, que se agitava com as primeiras correntes democraticas; foi essa a fórma como se propagara a nova eschola de Coimbra, que no Porto era essencialmente critica. O Livro das *Flôres do Campo* era todo conhecido pelos trechos que andavam desde muito tempo nos jornaes, mas ainda assim foi recebido como a boa nova; João de Deus ficou sendo uma gloria portugueza. Os seus versos recitavam-se sem fadiga, repetiram-se as legendas daquela personalidade, João de Deus foi proclamado o nosso primeiro lirico moderno, e nenhum dos ministros que tinham o poder, e que o abraçavam, soube pagar uma divida nacional libertando-o das terriveis luctas da vida. Sem revelar a ninguém os seus transe, e quasi sempre mais preocupado das afflicções alheias, viu-se muitas vezes forçado a cozer á machina, a traduzir comedias de Mery e insignificantes livros de devoção, a imprimir um Dicionario prosodico, ou a escrever Loas á Virgem para os festeiros do Almargem. Que mimo inexcédível na traducção da comedia *Horacio e Lydia* de Ponsard! Que destino o deste Ponsard, empurrado para diante pelos pseudo-classicos que pretendiam collocar no lugar de Victor Hugo, ou por uma violencia da sorte divinizado por João de Deus! Apesar de tudo nunca o artista pôde ser supplantado pela pressão da necessidade; onde elle poz a mão deixou a irradiação perenne do bello, como se pôde vér nas *Loas á Virgem*. A poesia mais bella de João de Deus, é a *Adoração*; o poeta entrava nessa consciencia da força que é a elevação do genio de Goethe. A realidade da vida impoz-lhe um novo ideal; casado e com duas crianças lindas, João de Deus preoccupou-se sentimentalmente com o problema da leitura; concebeu a *Cartilha maternal* (1877), mas sem fazer disso uma especulação, como o *Methodo repentino* de Castilho, a quem o governo deu por mais de vinte annos um conto de reis annualmente como commissario das escholas desse methodo. Com esse genio, que é a bondade e a intelligencia, resolveu o problema pelo ponto de vista natural e suave. Com a doçura de um Froebel ou de um Pestalozzi, ensina no seu quinto andar; em diversas terras do reino abriram-se já escholas por evangelisadoras do methodo de João de Deus, e a pratica tem realisado a aspiração do poeta.

Não é este homem um benemerito da nação? Se neste paiz existir algum dia um ministro intelligente, que lhe mande entregar a pensão annual que recebia Castilho; se ha uma Academia que prebenda os que no seu seio julga terem sido prestantes ás letras, que o receba, para que nos livrem da vergonha que macula o seculo que deixou morrer Camões ao desamparo.

Theophilo Braga.



O PÓLO NORTE



ULTIMAMENTE foi apresentado ao Congresso de Washington um projecto de expedição, no pólo norte.

Em outubro de 1876 chegou á Inglaterra o capitão Nares, que commandou a ultima expedição ingleza. Partira na primavera de 1875 com o fim de atingir o pólo do hemispherio norte, e explorar as regiões circumvisinhas deste ponto do globo até hoje inacessivel.

As associações geographicas de todo o mundo ligariam tanto mais importancia a este objecto, quanto maiores teem sido as difficuldades experimentadas pelos ousados navegantes do mar polar.

O sr. Malte-Brun, presidente da sociedade de geographia de França, no passado anno, annunciou na primeira sessão da sociedade que o *Alert* e o *Discovery*, navios que fizeram a ultima viagem, não desarmariam, e iriam dirigir-se novamente para o pólo, dentro em breve.

Com estas explorações anda travada uma questão que tem suscitado o maior interesse: — a existencia de um mar livre, sem gelos, circumdando o pólo.

O sr. dr. Elisha Kane, que em 1853 fôra a bordo do *Advance* commandando a chamada — segunda expedição Grinnell — em procura dos restos mortaes de Sir John Franklin e das tripulações do *Crebus* e do *Terror*, havia declarado num documento datado de 14 de agosto de 1854 em *Fox-Trop Point*, que do estreito de Smith ao pólo corre um cannal de agua sem gelo, o qual termina num mar onde abundam as aves e os animaes maritimos. (1)

O dr. Hayes, que igualmente explorou o estreito de Smith, em 1860-1861, confirmou a asserção do dr. Kane, e escreveu um livro a este respeito. Ora o capitão Nares declara estar convencido que o mar livre não existe, ou não pôde atingir-se do lado por que elle o procurou; porque sendo chegado á latitude de 83° 20' 30'', isto é, á distancia de 6° 40' do pólo, encontrou gelos seculares de 30 metros de espessura, que não pôdem ser o producto dalguns invernos apenas. Nares levou o *Alert* aonde ainda não tinha chegado navio algum, porque Kane apenas explorara a costa da Groelandia até á lat. 82° 27'.

O *Herald*, periodico dos Estados-Unidos, pu-

(1) «From its northern and eastern corner (do estreito de Smith), in lat. 80° 10', long. 66°, a channel has been discovered and followed (em trenós) until further progress was checkea by water free from ice. This channel trended nearly due north, and expanded into an apparently open sea, which «abounded with birds and bears and marine life.» *The Far North*, 1870, pagina 129.

blicou ultimamente um communicado do dr. Hayes, no qual este celebre viajante refuta as conclusões de Nares. Espera-se que este lhe responderá.

Em Sain-James Hall effectuou-se um *meeting* arctico, presidido pelo principe de Galles, no qual o capitão Nares e os capitães Morkham (do *Alert*) e Stephenson (da *Discovery*), fizeram successivamente a exposição das suas observações e das particularidades da viagem.

A existencia do mar hoje polar é ainda uma questão do dia, apesar das asseverações de Nares. Esperemos o resultado desta discussão, ou antes o resultado de novas expedições que consigam levar a effeito o assalto do pólo. Estamos certos, que apesar das immensas difficuldades de tal empreza, não pôde tardar muito o dia em que um pé humano calque o pólo norte.

Logo que o *Alert* e a *Discovery* se aproximaram do estreito de Smith a viagem tornou-se uma lucta continuada contra os gelos fluctuantes, os grandes furacões, e os diversos perigos que naquellas regiões desertas ameaçam os navios e os navegantes. O mar tornava-se cada vez menos navegavel, porque os *pack*, largas areas de gelo fragmentado, vão-se transformando em campos de gelo e estes em enormes montanhas, ou *icebergs*, que os navegantes temem com razão. O choque dum *iceberg* pôde ser um mal irremediavel; um navio opprimido entre dois *icebergs*, é um navio perdido. A athmosphera brumosa tornava-se cada vez mais densa. O frio augmentava.

A *Discovery* ficou a 27 de agosto de 1875 na bahia de Lady Franklin para ahi invernar, lat. 81° 44', long. 0.65° 3'. O *Alert* continuou para o norte atravez do canal de Robeson, mas teve igualmente de parar á lat. 82° 27'.

(Conclue.)

Corrêa Barata.

DIVINA COMEDIA

Erguendo os braços para o ceu distante
E invectivando os deuses invisiveis,
Os homens clamam: «Deuses impassiveis,
A quem serve o destino triumphante,

Porque é que nos fizestes?! Incessante
Corre o tempo e só gêra, inextinguiveis,
Dôr, peccado, illusão, luctas horriveis
Num turbilhão cruel e delirante.

Pois não era melhor na paz clemente
Do nada e do que ainda não existe,
Ter ficado a dormir eternamente?

Porque é que para a dôr nos evocastes?
Mas os Deuses, com voz inda mais triste,
Dizem: «Homens! porque é que nos creastes?

Anthero de Quental.

A MORTE E O INVERNO



Em 1867 o sr. Furtado, hoje pharmaceutico em Bragança descreveu-me em Coimbra o seguinte uso que havia e ha ainda, segundo creio, na primeira dessas cidades: «A Misericórdia de Bragança aluga em quarta feira de Cinza um fato que tem pintado um esqueleto com uma mascara figurando a caveira; ha sempre muitos alugadores, cada um dos quaes não pôde trazel-o mais que uma hora; durante ella entra em todas as casas que lhe agrada e percorre as ruas perseguindo os rapazes com a fouce e um tirapé; estes vão atraz delle, correndo-o á pedrada e gritando:

Ó morte
Ó piella,
Sete costellas e meia
Nariz de canella.

O sr. J. A. d'Almeida no seu *Diccionario abreviado de Chorografia* refere este costume, com uma variante nos versos:

Ó morte
Ó piella,
Tira a chicha
Da panella.

O sr. Theophilo Braga no seu livro *Epopéas da raça mosarabe* reproduz a noticia do chorografo e interpreta da seguinte maneira aquelle costume: «O resultado desta luta do catholicismo e do despotismo contra a poesia e liberdade dos mosarabes, vê-se na mudez e falta de festas nacionaes do povo portuguez. Quando a burguezia da Europa trabalha e ri, sentindo-se forte, productora, com a consciencia dos seus direitos, em Portugal ainda se obedece ao pezadello da *Dança da morte* que aterrou na idade media (p. 325).» «Com isto divertem a alma popular (p. 326).»

A dança mucabra ou dança da morte pertence ao dominio da literatura e da iconografia; com quanto se fizessem representações mimicas della (uma, por exemplo, em Paris, em 1424, no cemiterio dos Innocentes) nunca entrou no dominio dos costumes populares; demais a morte percorrendo as ruas e sendo perseguida e perseguidora dos rapazes não dá ideia da morte, dançando com os representantes dos tres estados ou das diversas classes sociaes. Esse assumpto parece ter tido muito pouca voga em Portugal. É a mythologia que nos dá a explicação daquelle costume de Bragança, ultima transformação duma cerimonia alguns milhares d'annos mais antiga que a dança da morte.

Nos antigos cultos naturalisticos occupavam um grande lugar as ceremonias que simbolisavam o giro das estações, em que a imaginação mythoepica das nações indo-europeas via um drama, que reproduzia em ponto grande o drama quotidiano da luta do dia e da noite, da luz e das trevas; a divindade solar um momento vencida saía por fim triumphante da luta. O inverno era um paralelo da noite, como o verão (as estações primitivas eram essas duas) do dia. Como a noite era identificada á morte, assim o inverno foi considerado como a morte. Não é o inverno a morte da natureza, da qual ella ha de resuscitar sempre com novo vigor e belleza? Que immensa alegria quando vinha a primeira ave da primavera, quando no prado desabrochava a primeira flôr! O inverno, a morte, estava vencida e na sua alegria os nossos

antepassados não se contentavam com meter ao campo o arado e pensar e curar das cousas positivas da vida; haviam de vingar-se do inverno pelas suas proprias mãos, vingança bem innocente, mas que por certo lhe dava immenso jubilo. Um homem, uma figura mesmo, simbolisando o inverno era perseguido pelas povoações, com cantos adequados ou então um combate entre o inverno e o verão era representado por dous contendores escolhidos.

Quasi todos os costumes populares têm as suas raizes nos velhos cultos naturalisticos. O singular costume de Bragança explica-se com toda a clareza pela cerimonia de *expulsar o inverno*.

Jacob Grimm que mostra com evidencia a identificação do inverno e da morte (*Deutsche Mythologie*, 3.ª Ausg. p. 726 ss.) depois de referir o costume da luta do *Inverno* e do *Verão*, ainda hoje muito em voga na Allemanha, diz-nos que nos contos franconios desapareceu inteiramente a menção do verão, subsistindo apenas com mais força a ideia da *morte expulsa*. Raparigas do campo de 7 a 18 annos percorrem as ruas das cidades, levando debaixo do braço esquerdo um pequeno feretro aberto, de que pende um panno de linho que cobre uma *boneca*. O seu canto unisono começa:

Heut ist mitfasten,
Wir tragen den Tod ins wasser, wol ist das.

«Hoje é o meio da quaresma; nós vamos deitar a morte ao rio; bom é isto.» Não desejando dar mais que uma succinta explicação do costume de Bragança, omitto a menção das variantes da cerimonia, como a acho descrita nos mythologos allemães; contentar-me-hei com mais uma noticia. Os Sorbos no Oberlausitz (refere Grimm o. c. p. 731) fazem uma figura de palha e farrapos; a pessoa em cuja casa se deu o ultimo fallecimento deve dar a camisa; a ultima noiva deve dar o veu e os farrapos necessarios; o espantalho é espetado em cima dum barrote alto e levado a correr pelas mais fortes raparigas do campo, que cantam todas:

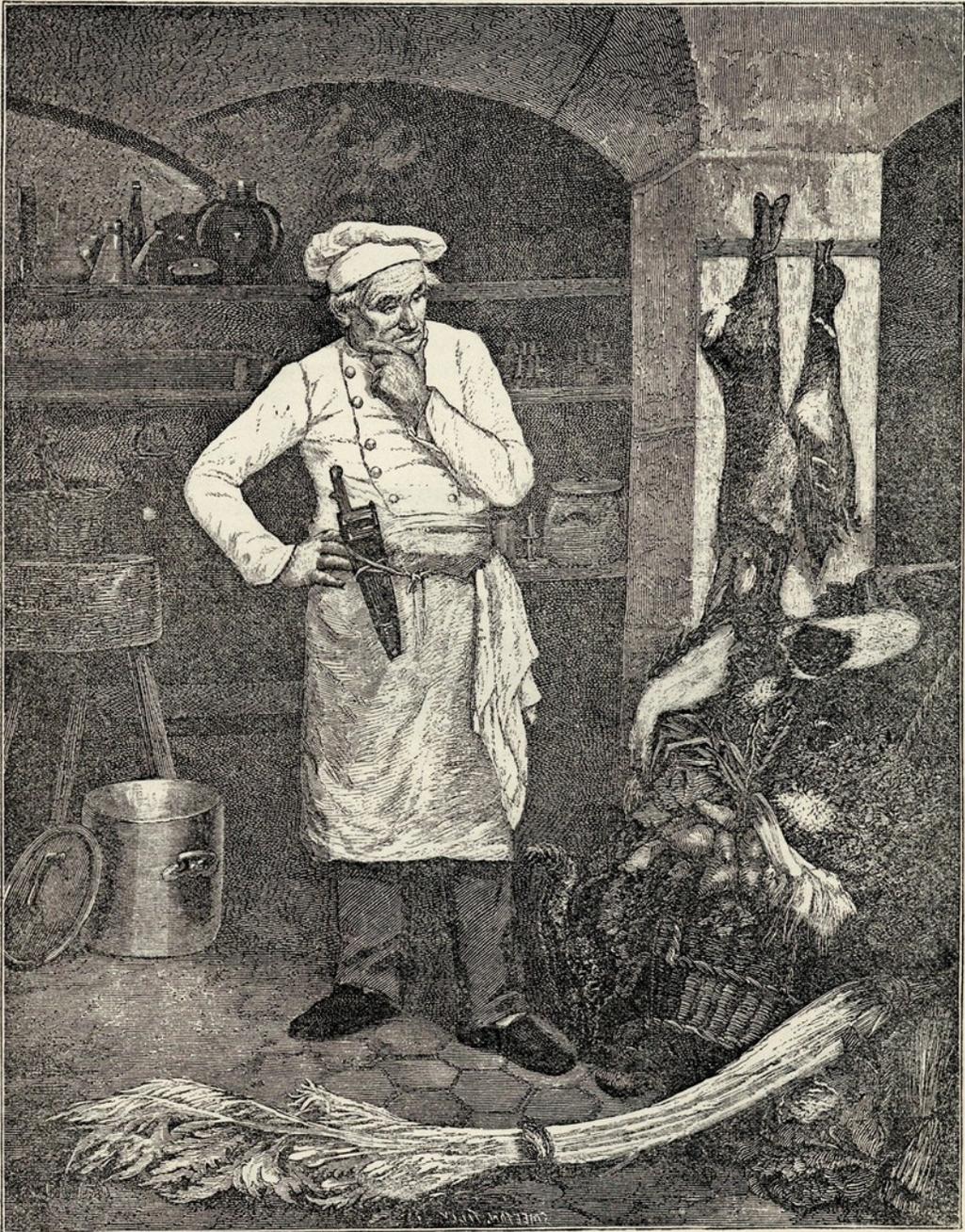
lecz hore, lecz hore!
jatabate woko
pan dele, pan dele!

«vôa alto, vôa alto, anda de roda, cáe para baixo, cáe para baixo.» A figura é corrida á pedrada; quem lhe acerta não morre nesse anno.

O dia da luta do *Verão* e do *Inverno* ou da *expulsão da morte* varia segundo as localidades, mas a quarta domingo de quaresma (dominica lætare) ou meio da quaresma são os dias mais escolhidos; nos arredores de Boitzenburg no Ukermark a festa acha-se inteiramente deslocada, porque a luta do verão e do inverno se representa pelo Natal (A. Kuhn und W. Schwartz, *Norddeutsche Sagen, Märchen und Gebräuche*. 1848, p. 403); não é pois de extranhar que em Bragança a *Morte* percorra as ruas em quarta feira de Cinza, e tanto menos quanto provavelmente se quiz dar um sentido christão a um costume d'origem puramente pagan. A *serração da velha*, o *enterro do bacalhau*, os *Judas* de sabbado de Alleluia têm a mesma fonte que a expulsão da morte; mas o exame desses costumes ficará para outra occasião.

Piedade, 26 de novembro de 1877.

F. Adolpho Coelho.



O COSINHEIRO

(Heliogravura typographica)

O COSINHEIRO



EXCELLENTE manual editado pelo sr. Paulo Plantier (1), que é um grosso volume de VIII-854 pag. em 8.º, dará a *analyse* e o compendiosinho de Brillat-Savarin, a *synthese* do assumpto da nossa gravura. É o melhor commentario que podemos recommendar ao leitor, a quem desejamos poupar os circumloquios espirituosos com que pela lei da moda de ha quatro annos é uso ornar o texto das gravuras, que invadem as nossas revistas literarias.

Qual seja o auctor do quadro que a gravura representa, não o sabemos dizer; deciframos o nome collocado na parte inferior, mas não o escrevemos com receio que a nossa fantasia nos seduzisse e nos levasse a *inventar um pintor que não existe*, commetendo ao mesmo tempo um roubo de propriedade artistica na pessoa do verdadeiro auctor. Isto tambem tem sido moda ha quatro annos, mas deixamos a honra da moda inteira e intacta a quem a inventou. De resto, o nosso intento, escolhendo a gravura, não foi distinguir um pintor qualquer, fazer a *analyse* de um quadro que nunca vimos, que nos apparece pela primeira vez numa reproducção, mas sim dar um lugar de honra a um homem de sciencia, portuguez, ao sr. José Julio Rodrigues, que se dignou honrar este jornal com uma prova do trabalho das officinas que estão confiadas á sua illustrada direcção. Tecer encomios a s. ex.^a é hoje ocioso; a exposição dos trabalhos da secção photolithographica em 1875, (2) deu as provas mais eloquentes da sua actividade e da excellencia dos trabalhos das officinas, nas quaes apesar de criadas ha poucos annos as reproducções contam-se aos milhares; mas não são estas que constituem os titulos justificativos da existencia da secção. As reproducções são apenas os ultimos resultados de innumeradas experiencias scientificas que já constituem hoje uma serie de receitas que são propriedade do sr. J. Julio Rodrigues, que são de sua invenção. Não ha ali pois mera reproducção, mera repetição de processos conhecidos — ha ali uma cabeça que pensa e dirige; ha ali trabalho original; ha ali sciencia propria. A prova é o modo por que a gravura junta foi reproduzida. Póde dizer-se que, para este specimen, concorreram alguns dos processos mais curiosos da

secção photographica, processos que exporemos pela ordem com que foram empregados:

Photolithographia por intermedio do betume de Judéa, deposto sobre zinco delgado, e transporte posterior para pedra lithographica.

Reducção pelo caoutchouc e transporte para zinco, que depois de gravado pelos acidos, foi estampado typographicamente no prelo Voirin.

Eis como a sciencia substituiu a mão do artista para nos dar uma *heliogramura typographica*, que não custa a decima parte do original.

Joaquim de Vasconcellos.

PAGINAS SOLTAS

I



EM crescido a celebridade da obra do dr. Ernst Hæckel intitulada *Historia natural da criação* (Natürliche Schöpfungsgeschichte). É uma serie de lições ácerca do transformismo, e em especial ácerca de Darwin, Goethe e Lamarck. Tão capacitado está o auctor das doutrinas que expõe, que até lhe parece valer pouco toda a intelligencia que não adoptar o que ha nellas de fundamental; o seu entusiasmo pelos principios do transformismo chega ao ponto de terminar assim a obra: «Á epocha actual foi dado o maior premio do conhecimento humano, isto é a fundação scientifica da doutrina da descendencia; por isso os seculos porvir hão de saudal-a como o tempo em que principiou uma nova e abençoada idade do desenvolvimento humano, caracterizada pela victoria alcançada sobre o despotismo da auctoridade pelo espirito que livremente conhece, e caracterizada ainda pela influencia poderosamente civilisadora da philosophia monistica.»

Hæckel não crê nas causas finaes; ou crê nellas tanto como na theologia; tudo para elle é desenvolvimento da materia, desde a cellula mais simples até á sua propria philosophia, desde o elemento chimico até ao seu entusiasmo; e tudo isto vem de alguma parte e vae para outra parte simplesmente por que vem e por que vae; não pergunte-mos a causa, não inquiramos o fim.

Nós estavamos excellentemente dispostos a acreditar na doutrina hækkeliana, até para nos convencermos da grandeza das nossas faculdades; queriamos capacitar-nos de que pertenciamos á raça dos que são habeis para sabios; mas não o consegui-

(1) *O cosinheiro dos cosinheiros*. Collecção de 1:500 receitas. 2.ª ed. Lisboa, 1877.

(2) *Secção photographica*. Pareceres e apreciação de naturaes e estrangeiros, etc. Abril de 1875. 8.º Lisboa, Imprensa Nacional.

mos. Confessamos o nosso peccado; e embora Hæckel já estivesse em Lisboa, e se entretivesse com animalculos do Tejo; embora os nossos pescadores o auxiliassem nas suas explorações scientificas, acreditamos que não ouvirá nem entenderá o nosso portuguez; e assim, não perderá tempo, nem nos lançará excommunhão.

Confessado o nosso peccado, cumpre dizer alguma cousa em nossa defeza; seja ella muito breve.

Hæckel escreve assim a pag. 24 da 4.^a edição alleman: «Se finalmente lançaes vossos olhares sobre o grande todo da natureza organica, se reunís pela comparação todos os grandes grupos de phenomenos deste enorme dominio da vida, elle se vos mostra á luz da theoria da descendencia não como a obra artisticamente pensada por um Creador que tudo construisse conforme um plano, mas sim como a necessaria consequencia de causas efficientes, que residem na constituição chimica da propria materia, e nas suas propriedades phisicas.»

Mas se não ha um plano, como admite Hæckel o desenvolvimento successivo, constante, da materia? Essas causas efficientes de que nos falla, essa constituição chimica, e essas propriedades phisicas podem nas prelecções do sabio professor substituir as palavras plano e creador; mas nem por isso a explicação dos factos fica mais clara; até se nos figura menos accetavel, porque somos obrigados a crêr na intelligencia da constituição chimica, e na sabedoria das propriedades phisicas.

Ouçamos ainda algumas palavras que nos dizem opiniões de Hæckel:

«Em toda a organização ha um fundo commum; pelo contrario a differença das fórmas corresponde ás necessarias condições de relação com o mundo exterior; por isso temos de aceitar uma differença originaria e simultanea, e uma transformação continuamente progressiva, para podermos comprehender assim a constancia, como a divergencia dos phenomenos.» «O *typo* que é o fundamento de toda a fórma organica vem a ser o *impulso interior de desenvolvimento* (*innere Bildungstrieb*) que mantem a direcção inicial desse desenvolvimento, e a propaga por meio da herança. A transformação progressiva é a que resulta das necessarias relações com o mundo externo, e opera como impulso exterior de desenvolvimento pela adaptação ás circumstancias da existencia: daqui a infinita differença das fórmas.»

Temos, pois, a acreditar numa *direcção inicial dada ao desenvolvimento da materia*; mas que differença ha entre acreditar nisto, e crêr no plano de um creador, no qual plano estivessem comprehendidas todas essas direcções iniciaes? E que vem a ser a necessidade das relações, a faculdade de se adaptar um corpo ás circumstancias em que foi pos-

to, e o infinito das fórmas resultando destes fundamentos da criação? Havemos de crêr em tudo isto, e ao mesmo tempo considerar de todo refractarios á luz da sciencia os que julgam vêr ainda em tudo isto as provas mais claras de uma sabedoria superior? Em verdade, Hæckel exige muito dos seus leitores; e condemna com demasiada presteza os que não olham do mesmo modo que elle os importantes factos narrados na sua admiravel obra; e esta obra suppomos nós que foi escrita segundo um plano, que mostra muita sciencia no seu auctor.

Não temos a pretensão vaidosa de defender as infelizes causas finaes; tampouco podemos analysar devidamente o conjuncto dos trabalhos de Hæckel; faltam-nos quasi todos os conhecimentos precisos para empreza tão vasta; indicamos sómente uma das razões por que não conseguiu convencer-nos a obra do sabio naturalista germanico.

A theoria da descendencia e do desenvolvimento resolve numerosos problemas tanto no dominio das sciencias naturaes como no das sociaes; a estas, especialmente, abre um vasto campo de investigações cujos resultados crêmos que serão assombrosos; mas parece-nos que os argumentos de Hæckel não são sufficientemente fortes para causarem na philosophia revolução tão grande como elle cuida. A sua explicação dos mais complicados phenomenos organicos, bem como do pensar humano, está longe de ser *mechanico-causal*, como elle a denomina. Para destruir a idéa do plano da criação, o sabio professor precisou de imaginar que um plano existia nos typos fundamentaes, possuindo cada qual um impulso interior de desenvolvimento, isto é, caracteres que os distinguiam uns dos outros, e que davam lugar á infinita variedade de fórmas. A lucta da existencia, da qual deriva o progresso e a transformação, é, portanto, uma consequencia na propria theoria de Hæckel; esta theoria funda-se, pois, num plano de criação, embora seu auctor o negue reiteradamente; de certo differe muito do plano que as diversas religiões traçaram ao Creador; mas ha quanto tempo a sciencia conseguiu emancipar-se da theologia? De certo muito antes da obra de Hæckel e da theoria de Darwin.

Rodrigues de Freitas.



ARTE MODERNA

DOIS QUADROS DA GALERIA DO SR. VISCONDE DE DAUPIAS

I

A CAÇADORA

POR MR. DE CONINCK



OMPRAZEM-SE os artistas, pintores e estatuários, em viajar na antiguidade, no meio das reminiscências poeticas, das tradições, das fabulas. Não é um crime, não é um erro; é algumas vezes uma fortuna para elles e para nós. Regressa-se dessas viagens com curiosas acquisições. Tão sómente ha o perigo de voltar ao trabalho trazendo dessas excursões nas idades extinctas a memoria cheia e a inspiração vãia. Quantas Venus que nunca habitaram em Paphos nem choraram pela morte de Adonis? Quantas Dianas cujos pés não calcaram nunca os cumes do Taygeto! cujos olhos se não encontraram jámais com os de Acteon! Pela nossa parte, guardado o respeito pela tradição e mantida a nossa admiração legitima pelo grande sopro poetico de Roma e de Athenas, preferimos a arte que se inspira nas fontes da realidade viva, sob a condição unica de que a realidade valha a pena de ser mostrada, que tenha, na medida do genero, o seu raio de ouro, que offereça um reflexo da belleza eterna.

É nesse ponto de vista que desejamos assignalar o novo quadro da galeria do sr. visconde de Daupias, a *Caçadora*, de Coninck.

Não é uma Diana como se poderia crêr pela sua nudez, pelas suas frechas, pelo seu arco. A Diana antiga é delicada mas é nervosa e adestrada na carreira. A nossa caçadora com os seus contornos arredondados, carnaes, respirando e suspirando voluptuosidade em cada musculo, dá-nos como a intuição de uma perola do harem, a illusão de uma bella odalisca, arrancada por um instante ao amor.

Eis-nos defronte da tela. Temos á vista uma mulher sentada, ou antes agachada, aninhada sobre si mesma, num comoro de relva. O rosto está de tres quartos num perfil quasi imperceptivel. A attitude é a da acção. A cabeça pende um tanto sobre o braço direito como quem aponta uma arma. Tendo já aos seus pés algumas aves mortas, ella visa uma nova presa. O arco está fortemente retesado com mão firme e soberba, que lembra a da antiga Diana. O resto, porém, do seu corpo apresenta-nos

a vida surprehendida na realidade, poderosa e superabundante. É numa palavra um bello estudo do nú, começado sem intenção ideal ou simbolica, porque o artista tinha diante de si um bello modelo contemplado com paixão, reproduzido com amor.

Siga-se a mão do pintor em todas as fibras da sua tela, em todos os movimentos do seu pincel, nas brochadas aparentemente mais temerarias: tudo revela uma obra pessoal, intima, concebida sob um sentimento profundo e poderoso. O desenho é escrupulosamente estudado. O dorso, as pernas, o seio direito, o unico visivel, as duas pregas formadas pelo peso da pequena taça vigorosa e dura, o escorço dos braços cujos punhos se crusam um sobrê o outro, a perna direita admiravelmente modelada, offerecem um conjuncto de linhas perfeito de verdade e de execução. Um ponto unicamente dá margem á critica: o escorço da perna esquerda não é de um rigor irreprehensivel. Foi o modelo fatigado da positura que trahiu o artista? Foi o artista que não viu bem? É certo que ha uma leve incorrecção. Mas por quantos primores não está resgatada essa distracção do pintor ou do modelo!

O que principalmente nos toca no talento do sr. Coninck, é a arte com que elle soube espalhar e distribuir a luz na sua obra. No fundo escuro do quadro, quasi negro, destaca em grande relevo o tom das carnes. O nú está pintado com a vida de uma peleta que recorda e chega a egualar os grandes mestres da eschola venesiana. Os claros são tirados da massa; a luz passa do meio-tom e da sombra á degradação, com uma verdade, com um poder de effeito, que dá ao espectador a completa illusão do vivo. O sr. Coninck soube dar ainda a todo esse bello corpo o arredondado voluptuoso, que é o privilegio da musculatura feminina. A execução é arrojadamente larga e franca. Nem o minimo vislumbre da fadiga ou da mollesa em toda a composição. Aquelle quadro, bem olhado, illumina para assim dizer a sala, e quem uma vez o considera não pôde deixar de fixal-o por muito tempo. Infallivel signal da perfeição.

Um mestre na critica, o mestre dos mestres, Theophile Gautier, escrevia no *Moniteur Universel*, de 21 de junho de 1866, as linhas seguintes ácerca do quadro do sr. Coninck:

«Sob o nome de *Caçadora*, o sr. Coninck espõe uma excellente figura de estudo metida em quadro e que occuparia admiravelmente o seu logar numa grande composição cuja principal personagem fosse Diana caçando nos valles e nas florestas do Hemus. Uma mulher, á sombra das arvores, com um joelho no chão, a frecha no arco, a cabeça voltada em perfil perdido, fita a pontaria em um animal que se não vê. O tiro vae partir, e vae sem

duvida trespassar o alvo, de tal modo é intensa a atenção da caçadora e tão perfeitamente o seu espirito acompanha o golpe da seta.

«Essa posição, que concentra uma figura do tamanho natural no mais pequeno espaço, dá uma variedade encantadora de linhas, de que o sr. Coninck tirou o melhor partido. Aninhada como está a sua caçadora, reproduzida em marmore de Carrara ou de Paros, daria uma admirável estatua para ornar, sobre um fundo de folhagem, algum jardim como as Tulherias ou o Luxemburgo. Procurando para a sua figura as eurythmias de linha e os balanços de contorno, o sr. Coninck não attendeu com menos escrupulo á côr, que é quente, luminosa e forte. Esse bello corpo de nympha, com quanto lembra bastante a tradição antiga, não é menos verdadeiro por isso, e sente-se bem nelle a palpitação da natureza consultada. Alguns annos de exposição, lançando sobre a alvura dessas nobres fórmias a sua transparencia de ambar, tornarão a caçadora do sr. Coninck digna de habitar um palacio de Veneza não longe dos Giorgiones, dos Ticianos, dos Palmas, dos París Bordone.»

Este juizo, tão admiravelmente formulado, é inteiramente exacto, salvo em um ponto que se nos figura importante. Gautier não escrupulisou em transformar a nossa *Caçadora* em uma Diana antiga, fazendo-a vaguear nas florestas do Hemus. Estariamos talvez mais perto da verdade reconhecendo nella um assumpto moderno. Quanto mais a contemplamos, tanto mais esta impressão se affirma. Debalde esfregamos os olhos: atravez da Diana de Gautier entrevemos sempre uma odalisca, uma odalisca cujo clarão deslumbra.

Como quer que seja, e não obstante os nossos insignificantes reparos, a *Caçadora* do sr. Coninck é um dos bellos quadros modernos que conhecemos. É de certo um dos melhores da galeria do visconde de Daupias, a qual encerra já hoje tantos outros notáveis, de quasi todos os mestres antigos e modernos.

F. Steenackers.

II

A LEITURA DA BIBLIA

POR MR. CHARLES LOUIS MULLER



O cahir da tarde, junto de uma larga janella, uma familia escuta, um sacerdote lê.

Dado nestes resumidos termos o assumpto, o quadro que houvesse de o representar poderia de antemão intitular-se — *A traição.*

Na familia do seculo XIX, assentando-se ao lar domestico, ou seja entre o marido e a mulher, ou seja entre a mãe e o filho, a função do padre é trahir.

A existencia moral do homem contemporaneo, a sua vida affectiva e a sua vida intellectual deixou de versar sobre o principio da fé. O dogma ha muito que perdeu para elle a virtude prolifica: é uma tradição esteril. No grande conflicto moderno a religião de cada um, isto é: a lei inviolavel e suprema da consciencia, não pôde já repousar unicamente no principio oscillante da fé. A grave noção da responsabilidade, o austero sentimento do dever são o resultado não já de uma crença imposta, mas sim de uma lenta e profunda elaboração expontanea do nosso espirito. A religião é hoje um factio psychologico de caracter essencialmente individual. Cada familia — e a familia não é mais que o complemento do individuo pelo seu par — cada familia, dizemos, tem a sua religião differente, proporcional ao seu estado de aperfeiçoamento intellectual, e essa religião é tão sagrada como a dos mais venerandos patriarchas.

Toda a intervenção de um agente exterior nesse nucleo de principios transcêntes que são o laço mais estreito, mais intimo, mais inviolavel da familia, deve ser fulminada como um crime de lesa paz domestica, como uma tentativa de adulterio das consciencias, como a provocação sacrilega a um divorcio de almas.

O sr. Müller accetando o assumpto que annunciamos e querendo fazer uma obra de conciliação em vez de uma obra de combate, recuou a acção até o seculo XVI. Nessa epocha o movimento da Reforma tinha determinado uma crise no pensamento. O ministro lutherano, intervindo então na familia, tinha mais um caracter scientifico do que um caracter religioso. Não vinha impôr o dogma, vinha destruil-o. Solicitava o espirito não a obedecer, mas a raciocinar. Finalmente elle não era o *director espiritual*. Não pedia as revelações minuciosas da culpa ao penitente ajoelhado aos seus pés; não aconselhava clandestinamente a mulher ás escondidas do esposo no fundo sombrio e misterioso do confessionario. Não; elle expunha unicamente um texto sagrado de historia, lido em voz alta, meditado, reflectido, commentado em commum pelo ledor e pelos seus ouvintes. Não era um monge, um parrocho, um cura d'almas, uma dessas melancolicas naturezas hediondamente amputadas pelo celibato, postas em separação e por isso mesmo em hostilidade com a familia humana, recalcando o mais nobre instincto da natureza — a perpetuidade da especie — nas perversões monstruosas do vicio ou nas flagelações asceticas da penitencia.

O padre do sr. Müller é um protestante dessa gloriosa tribu da primitiva da igreja reformada a que pertenceram os grandes heroes da força, da serenidade intemerata e convicta, o bispo Hooper, Just Jusberg e o grande Henri Flameng, de quem escreve Michelet: «Nenhuma ideia foi pela Reforma mais altamente collocada, mais ensinada, mais defendida que a da glorificação do casamento. A Henri Flameng, um agostinho casado, foi offerecido o perdão se elle quizesse dizer que a sua mulher era uma concubina. Elle recusou, morreu por ella, defendeu-lhe a honra no meio das chammas, deixou-a esposa legitima e viuva glorificada de um martyr.»

Os homens desta raça são legitimamente dignos de terem na familia, independentemente de todo o espirito de seita, o culto da veneração e da saudade, devido áquelles que mais heroicos martirios padeceram, não só pela liberdade do pensamento humano, mas pela honra e pela dignidade do lar domestico.

O bello quadro da galeria do sr. visconde de Daupias, a que nos estamos referindo, representa a consagração desse culto.

A familia composta do marido, da mulher, do filho, da creada, junto de uma dessas amplas janellas da Renascença, aberta sobre a serenidade profunda do ceu, escutam com uma attenção intelligente e grave. A nobre figura do leitor, austera, poderosa, destaca do ar exterior em meio perfil. Tem a biblia manuscrita, em grande formato, aberta sobre o joelho. Na sua bocca entreaberta, ensombrada por um espesso bigode marcial, de velho huguenote, sente-se palpar a emissão do texto sagrado; a mão esquerda segura a pagina com um gesto respeitoso, delicado, como o de quem toca uma veneravel reliquia. Nessa pagina, muitas vezes lida e relida no carcere ou no homizio, quantas lagrymas teriam deixado o vestigio de obscuros e ignorados martirios!

A mulher, sentada num alto espaldar, embebe no espaço o seu olhar sereno, e repousa na attitude correcta, altamente senhoril, das perfeitas mulheres honestas e bem educadas, distincção rarissima na moderna elegancia tão abastardada pelas falsificações do genero *chic* e do genero *fast*. Junto della o filho em pé recosta-se-lhe num joelho. O marido com a face apoiada no punho considera a figura do sacerdote, em que se revela o homem superior, o legitimo filho desse fecundo movimento intellectual que produziu Palissy, Goujou, Rembrandt e Beethoven. Uma luz diffusa, tepida, impregnada dos aromas e das harmonias crepusculares, emanada de um ceu tranquillo, desanuviado, polvilhado de ouro, ao longe, no horisonte pelos reflexos do sol

poente, banha com uma doçura benigna a pacificação desta scena.

Este pequeno quadro, de dimensões commodas, proprio para gabinete, está escrupulosamente composto e executado. É pintado com uma grande sobriedade honesta, sem concessão alguma feita ao dilettantismo burguez, sem violencia de contrastes, sem exageração de promenores, sem imprevisto, sem ostentação de processo. Parece, como alguém já disse do estylo inimitavel e perfeitoissimo de Flaubert, uma obra impessoal.

E todavia na bella e admiravel galeria da eschola moderna do sr. visconde de Daupias, entre tantas telas famosas, de Daubigny, de Corot, de Madrazo, de Palmarolli, de Troyou, de Bonnat, de Ary Scheffer, de Diaz, de Courbet, de tantas outras celebres e gloriosas, este modesto quadro cattiva-nos especialmente, porque elle representa a grande arte na sua mais pura expressão. O que nos detem junto d'elle é a impressão dessa influencia profundamente elevada, a cujo contacto não sómente nos sentimos deleitados mas enobrecidos.

Ramalho Ortigão.

RENASCENÇA

Surjo do abismo revolto,
Como a alga surge do mar,
E sinto o espirito involto
Num supremo ambicionar.

No entanto fito a tormenta
Sem medo, como o albatroz,
E a minha aza opulenta
Desafia o raio veloz.

Transponho o espaço sublime,
Sem vertigem, sem pavor;
E no meu olhar se imprime
Do sol o immenso esplendor.

A minha alma, este problema,
Que faz na vida o meu eu,
Mergulha na ancia suprema
De roubar a luz ao ceu.

Vae.—No fogo em que se funde,
Como candente metal,
A vaga luz que diffunde
É a do cometa fatal,

Que percorre, desgrenhado,
Os desertos da amplidão,
Até que fica algemado
Nas rochas da escuridão.

Pedro de Lima.